

REDES SOCIAIS DA INTERNET X MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO DO PASSE LIVRE

Larissa Alves Abrahão¹

RESUMO

Esse ensaio vai tratar do papel das redes sociais da *Internet* diante dos movimentos sociais no Brasil. Levando em conta as manifestações que utilizaram esse instrumento, iniciadas em 2011, esse trabalho visa observar como se deu o processo de transformação da comunicação e a inclusão desse novo meio de comunicação à sociedade, assim como, qual sua instrumentalidade, ou seja, de que forma esse meio atua e se dissemina. Para isso vai ser utilizada como base uma entrevista realizada com o líder do Movimento do Passe Livre, Walter Takemoto. A *Internet*, diferente do que se pensava veio para agregar os meios de comunicação já existentes e não para substituí-los, hoje ela é utilizada como espaço de debate público onde estão em pauta os mais diversos temas de interesse social. Foi com esse caráter social que as redes se tornaram lugar para debate e organização das manifestações ocorridas no Brasil desde 2011. As ações desencadeadas a partir do Movimento do Passe Livre, começaram a ser organizadas nos fóruns de debate na rede e na conhecida rede social, o *Facebook*, com isso centenas de pessoas passaram a ir as ruas reivindicar por pautas como, saúde, educação e reformas políticas. Esse ensaio traz no seu conteúdo quais foram as motivações desses manifestos, até que ponto as redes sociais organizam essas ações e como a sociedade lida com esse processo. Com um referencial específico e pontos históricos vai ser explicitado aqui como se dá essa relação entre internet e sociedade.

Palavras-chave: *Facebook*, Internet, Manifestações, MPL e Redes

Antes de qualquer coisa, esse ensaio vai ser iniciado apresentando o objeto de estudo dessa pesquisa. As informações aqui contidas são derivadas de uma pesquisa de aproximação de campo com o líder do Movimento do Passe Livre (MPL), Walter Takemoto, realizada no dia 24 de outubro de 2014, em Salvador-Bahia. A liderança contou como o movimento foi iniciado, de que forma foi feita sua disseminação, quais as principais motivações, entre outras perguntas que ajudaram a delinear o perfil do MPL. Walter Takemoto teve sua história iniciada em São Paulo quando participava do Movimento Popular de Transporte e da Organização do Sindicato dos Motoristas e Cobradores de Ônibus de São Paulo. Onde foi diretor da Companhia Municipal de Transporte Coletivo de São Paulo (CMTC), que era uma

¹ Universidade Católica de Salvador

das maiores empresa de transporte urbano do mundo, na gestão da prefeita Luíza Erundina, durante três anos.

Em outubro dos anos 1990, a então prefeita, Luiza Erundina (PT), anunciou uma nova proposta que ficou nacionalmente conhecida como: a tarifa zero. A autoria foi do secretário de transportes da época Lúcio Gregori. O projeto previa garantir a gratuidade total do transporte coletivo entre 1ª de julho a 31 de dezembro de 1991 e visava a efetividade do direito de ir e vir para toda a população que gastava muito com transporte. A tarifa zero seria financiada por uma espécie de Fundo de Transporte, que retirava pedaços de uma cobrança progressiva do IPTU. Dessa forma, o custo seria baseado no conceito da forte distribuição de renda, ou seja, quem tem mais paga mais, quem tem menos paga menos e que não tem nada não paga. Em 22 de outubro, o projeto começa a ser discutido na Câmara Municipal, onde encontra resistência dos vereadores do próprio Partido dos Trabalhadores. Na Câmara o projeto define, enquanto os debates na sociedade e dentro do PT fervilham. Com a recusa em relação ao Projeto Tarifa Zero, que alcançava mais de 65% de aprovação popular, os vereadores aprovaram a lei de Municipalização em maio de 1991.

O Movimento do Passe Livre (MPL) surge nacionalmente a partir da "revolta do busú" que aconteceu em Salvador no ano de 2002, quando o prefeito da época propôs um reajuste das tarifas dos ônibus e os estudantes secundaristas saíram às ruas contra esse reajuste. Durante vários dias esses jovens ocuparam a cidade e conseguiram paralisar todo o transporte coletivo. Esse movimento acabou se transformando em documentário, intitulado "A Revolta do Busú", que circulou no Brasil todo. Dessa forma, e a luta que foi travada na Cidade de Salvador foi inspiradora para que outros estados como em Santa Catarina, São Paulo e Porto Alegre, estudantes e populares também adotassem a mesma forma de organização na luta contra o aumento das tarifas. No fórum mundial de Porto Alegre, houve uma reunião nacional onde foi decidida a criação do Movimento do Passe Livre em nível nacional.

O principal fator social por trás desse movimento está baseado na questão do transporte coletivo como direito social de toda a população, e como uma forma de acesso aos demais direitos, então quando se observa a grande maioria da população que tem o transporte coletivo como único meio de locomoção e que depende do transporte para exercer suas atividades cotidianas, essa questão passa a ser fundamental, pois é o transporte que garante o

direito de ir e vir de todos. Walter afirma que "a tarifa é um obstáculo ao exercício desse direito, no Brasil por volta de 36% da população anda a pé porque não tem recursos financeiros para pagar a tarifa". Isso faz com que o MPL tenha como motivação a tarifa zero, ou seja, o direito de qualquer um ter acesso ao transporte sem custo.

Quando se fala em motivação é possível dizer que a principal é a Tarifa Zero, a inexistência da cobrança pelo uso do transporte coletivo. Outras questões estão relacionadas a forma de organização do MPL, porque ele é um movimento que não tem estrutura definida, por isso, a adoção do próprio nome. O MPL se diferencia dos sindicatos ou dos partidos porque não tem uma direção unificada, eleita, e que decida pelo próprio movimento. Dessa forma, as decisões são tomadas de forma coletiva, não há quem responda de forma oficial pelo movimento e a atuação se dá em função das demandas da população. De uma forma geral esse movimento tem como prioridade a organização e a formação política da comunidade e dos estudantes.

Walter conta que "a luta principal do Movimento do Passe Livre é pelo transporte público como direito social". Desde que o Brasil se tornou república e começou a se utilizar o transporte coletivo de forma organizada no meio urbano, a população luta por um transporte de qualidade e acessível. Na época do Império, por exemplo, houve no Rio de Janeiro a "Revolta do Vintém". Na Bahia, no início do século XX houve o "quebra bondes" quando a população de Salvador depredou dois terços da frota de bondes que circulava na cidade também por conta do reajuste da tarifa. Com isso, é possível observar que quando se trata da história do Brasil, os problemas que a população enfrenta em relação ao transporte coletivo são históricos e fazem parte da luta da população pelos direitos sociais e por melhores condições de vida.

"Esse é um processo nacional. Qualquer cidade mediana hoje no país enfrenta esse problema. O transporte coletivo está integrado ao problema do transporte urbano, da não existência do planejamento urbano nas cidades. A população mais pobre vai morar nos lugares mais distantes e sem infraestrutura e o transporte acaba sendo mais um problema para essa população". (TAKEMOTO)

Para Walter, isso decorre da especulação imobiliária, da forma como a sociedade se organiza, de onde está o poder econômico e as ofertas de trabalho e estudos, para o líder, esse é um problema comum na história do desenvolvimento urbano. Quando se fala na luta pelo

direito ao transporte é possível dizer que isso acontece nacionalmente, e que foi isso que levou, por exemplo, as manifestações de junho a ocorrerem em todo o país. O que faz o MPL ser nacionalmente conhecido, passar a ter reconhecimento e organização em todos os estados são esses problemas que o governo não considera importante que são as questões da reforma urbana e a garantia dos direitos a toda a população e não apenas a uma parcela dela.

O professor fala dos motivos que levaram um movimento que existe há oito anos, reaparecer com força e ganhar pauta no país: "O que ocorreu em junho do ano passado foi que o reajuste da tarifa dos ônibus e metrô em São Paulo provocaram uma mobilização que inicialmente seria comum. O que diferenciou dessa vez, foi a violenta repressão policial que ocorreu em São Paulo e em rede nacional". O Brasil viu a polícia machucando jovens, participantes, jornalistas nas ruas de forma brutal, e isso desencadeou a onda de indignação e protestos. Outro fator que Takemoto cita tem relação com o descaso do poder público quando se fala da condição de vida nas cidades.

Até uns anos atrás os meios e formas de disseminação de informação e troca de conhecimento estavam localizados principalmente nas mãos das grandes corporações (televisão, rádio, jornal e revista) com a Internet e a chamada convergência tecnológica, a sociedade passa a ter uma capacidade de comunicação em tempo real, muito mais ágil dos que os meios mais tradicionais. As manifestações de junho, por exemplo, eram transmitidas por meio de links de transmissão via *smartphone* em tempo real, ou seja, qualquer pessoa podia assistir o que estava acontecendo nos protestos. Ao mesmo tempo foram criadas inúmeras comunidades de grupos de discussão, onde se acompanhava onde ia ter manifestação, qual eram as pautas e os horários. Essa transformação permitiu que as pessoas se organizassem de tal forma que era simples convocar uma manifestação com dez mil pessoas de um dia para o outro. Durante as movimentações era possível ver diversos avisos de que a rede *wi-fi* estava aberta, o que ajudou ainda mais a otimizar a essas ações. As redes sociais passaram a ter um poder de disseminar informação e promover a organização virtual sem controle ou interferência de partidos ou outras formas de organização. Essa foi uma vantagem que os movimentos passaram a ter através das redes. É importante dizer que as redes sociais não substituem, por exemplo, uma organização nas universidades, escolas e bairros, essa forma de organização pessoal é determinante. Mas as redes de computadores permite contrapor aos meios de comunicação mais tradicionais. Ao tratar das principais mudanças no processo

comunicacional levado em conta os movimentos sociais mais antigos e os mais atuais, Walter Takemoto afirma que:

se tomar como exemplo os movimentos sindicais que surgiram pós década de 70, a comunicação se dava de um lado por meio de jornais e boletins produzidos pelos sindicatos, pela presença constante do dirigente sindicais nas portas das fábricas e na organização interna na fábrica pelas condições sindicais que faziam distribuição do material seção por seção, através de reuniões clandestinas, porque era proibidas e reprimidas pelos empregadores, era um trabalho artesanal e exigia a presença física permanente para que houvesse essa troca de informação .

Hoje em dia o uso das redes sociais e a existência da convergência tecnológica, permite que você possa transmitir mensagens de texto e todos recebam ao mesmo tempo. Atualmente há uma capacidade de contato muito grande do ponto de vista da disseminação que não existia antes. Outra questão importante que deve ser citada é que todos passam a ser produtores de informação e não apenas receptores.

O que aconteceu em junho de 2013 pode ser dividido em dois momentos: o primeiro foi das lutas específicas do MPL que tem a ver com a questão da mobilidade e da tarifa zero. As manifestações de junho foram importantes porque trouxeram para o debate nacional e ao centro das prioridades do poder pública as questões relacionadas a mobilidade urbana. Isso foi uma conquista importante já que mobilidade e transporte nunca foi prioridade do Estado em toda a história. A segunda questão diz respeito às mobilizações em si, as ações de junho apesar de não terem pauta definida, e das pessoas terem ido reivindicar questões, muitas vezes, contraditoras como, por exemplo, aqueles que foram as ruas manifestar a criminalização da homofobia, enquanto tinham pessoas evangélicas, fundamentalistas, contra o aborto, por exemplo. Em um determinado momento se tinha os mais variados motivos. Mas existe algo acima disso que é imprescindível tratar, que é a importância das ruas como um espaço de manifestação e luta social, espaço do direito das pessoas a lutarem por aquilo que consideram fundamental. Dessa forma, as manifestações de junho de 2013 foram importantes, apesar as contradições, o saldo foi positivo porque forçou os governos a priorizarem questões relacionados à mobilidade urbana e transporte, forçou os partidos e sindicatos a reverem as práticas que eles passaram a ter nos últimos vinte anos. As ações de junho mostraram que esses partidos estão envelhecidos na sua forma de representação e não atentem mais os interesses da população.

No campo acadêmico e suas variações, encontra-se a comunicação. Um termo que estuda os processos comunicacionais midiáticos e humanos. É pela comunicação que se oferece todo o intercâmbio de informações entre sujeitos e pessoas, em um processo que envolve a troca de conteúdos e as diversas maneiras de comunicar, como a conversa face a face e a comunicação gestual. Num estudo bastante amplo, como todos desse processo, da comunicação, sua aplicação é ainda maior. Hoje, é importante pensar na comunicação integrada aos seus novos processos que envolvem, por exemplo, os sistemas híbridos de linguagem midiática e as redes colaborativas. O processo de comunicação envolve o emissor, que é aquele que cria a mensagem e a coloca em circulação e o receptor, que, além de receber, interpreta determinada mensagem.

As transformações na comunicação foram diversas, após a criação da escrita, surgiram novas formas de comunicação, dessa vez mediadas, essas consequências de uma grande revolução tecnológica, que trouxe os meios de comunicação para a vida social. Primeiro o rádio, depois a televisão e por fim a *Internet* que veio revolucionar a história da comunicação. Levando em conta as transformações nos processos comunicacionais, que antes eram face a face, é importante dizer que hoje estes são mediados através dos meios de comunicação.

Comunicar é tornar possível que homens reconheçam outros homens em um duplo sentido: reconheçam seu direito a viver e pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios (MARTÍN-BARBERO, 2003, 63).

Assim como a comunicação humana passou por uma série de mudanças, que foram da comunicação gestual à escrita, a inserção da *Internet* também é derivada de um processo histórico que teve um âmbito internacional, até a chegada desse meio no Brasil. Inicialmente o grande marco da história desse meio foi em 1969 quando a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (ARPA) uma conhecida organização norte-americana criou uma rede nacional de computadores chamada Arpanet, essa rede tinha como principal objetivo a garantia da comunicação dos Estados Unidos, entre operações militares, que aconteceram no período da "Guerra-Fria". Houve dessa forma, um aumento considerável do tráfego de informação, com a criação dessa rede, onde os usuários se comunicavam de forma muito rápida e com a

possibilidade de inclusão de novos usuários, em grande maioria universitários e pesquisadores, que trocavam muitas informações. O grande foco da Arpanet era a serviço de informação militar.

Com esse ponto inicial a *Internet* vai se desenvolvendo e envolve cada vez mais pessoas. No ano de 1986 a Fundação Nacional de Ciência (FNC) contribuiu de forma significativa para a expansão desse meio e desenvolveu uma rede capaz de conectar em todo país pesquisadores em grandes centros de informática e de computadores, essa rede chamada NSFNET, tinha mais de 80 países até 1990. O final dos anos 80 tinha um cenário bem determinado formado por uma série de computadores interconectados, mas apenas em laboratórios de pesquisa e centros acadêmicos. Pollyana Ferrari afirma que " o cenário do final dos anos 80 era este: muitos computadores conectados, mas principalmente computadores acadêmicos instalados em laboratórios e centros de pesquisa. A internet não tinha cara amigável que todos conhecem hoje, era uma interface simples" (2009, 16).

Ao mesmo tempo que a Arpanet se expandia e seus serviços de comunicação ganhavam notoriedade, outro grupo criava um sistema que ficou conhecido no mundo inteiro, era a World Wide Web (WWW), uma rede de abrangência mundial ainda hoje utilizada. Essa rede era baseada no hipertexto, ou seja, na interconecção de textos e de páginas e nos recursos da *Internet*. Em 1989 Tim Berners Lee, engenheiro no laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN) um dos mais importantes centros para pesquisas avançadas em física nuclear e de partículas, propôs o WWW e a partir desse momento a rede começou a se configurar com novas características, principalmente quando se trata da parte visual e design.

Segundo Martino (2014,13) no Brasil é possível dizer que o ponto de partida da *Internet* está por volta de 1994-1995 quando a rede começa a ganhar um espaço maior no dia a dia das pessoas. A facilidade na compra de computadores faz com que as pessoas tenham cada vez mais acesso, já que como afirma o autor até os anos 1990 computadores pessoais eram quase que inacessíveis por parte da população.

Este trabalho em especial vai tratar da *Internet*, como meio de comunicação e transformação social, "as tecnologias digitais transformaram a organização espaço-temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, novos modos de relação social e novas formas de relacionamento com os outros e conosco" (CASTELLS,2013,281). A

Internet é um meio de comunicação e interação social que tem como principais características a interatividade, a multimídia e a hipertextualidade, segundo Castells (2013, 245) “a internet tem uma geografia própria”, porque ela altera a noção de espaço já existente e cria um novo espaço com usuários e temas interligados uns aos outros. Ainda é possível entender a *Internet* como um grande sistema de computadores que ficam interligados entre si, em nível global e que funcionam como emissores e receptores de informação. Para Lemos:

Podemos dizer que a Internet não é uma mídia no sentido que entendemos as mídias de massa. Não há um fluxo- todos e as práticas dos utilizadores não são vinculadas à uma ação específica. Por exemplo, quando falo que estou lendo um livro, assistindo TV ou ouvindo rádio, todos sabem o que estou fazendo. Mas quando digo que estou na Internet, posso estar fazendo todas essas coisas ao mesmo tempo, além de enviar e-mail, escrever em blogs ou conversar em um chat. Aqui não há vínculo entre o instrumento e a prática. (LE MOS, 2003, 04)

Como consequência dessa nova forma de comunicação surgiram atrelados a esse novo meio as chamadas “redes sociais” que no Brasil ganham espaço rapidamente a partir de 1995 através dos computadores e futuramente dos *smart phones* e outros equipamentos digitais. Com toda essa evolução e desenvolvimento há a necessidade de tratar o que são essas novas mídias e as redes sociais.

Esse termo não é atual como se imagina, na verdade, já existiram na história algumas redes sociais consideradas complexas, mas a tecnologia fez possível criar a partir desse termo uma nova forma de organização social, “exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais” (WELLMAN, 2002 apud RECUERO, 2009), ao tratar de estrutura social, é o mesmo que se referir a forma com que cada um está inserido dentro dos sistemas *on-line*. Para Raquel Recuero:

Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos. (RECUERO, 2009, 29)

Um espaço de troca e intercâmbio de informação e ação social. O autor Martino em concordância explica em outras palavras essa definição "redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautados na flexibilidade da sua estrutura e pela

dinâmica entre seus participantes” (2014,55). O autor ainda afirma que mesmo que antiga essa idéia de rede, que estava presente nas ciências humanas, hoje com a força tecnológica e o auxílio das mídias digitais houve um entendimento mais significativo do termo, que entre outros elementos pode ser definida a partir de um caráter horizontal onde não há uma hierarquia.

De forma histórica existem diversos tipos de organização social, a família, a religião, a escola, cada uma determinada por uma especificidade de vínculo ou laço social. Nas redes é preciso levar em conta que esses laços são caracterizados por serem menos rígidos, de uma forma geral feito de temas e valores compartilhados, mas sem a mediação das instituições. Martino afirma que o termo redes sociais “é um conceito desenvolvido nas Ciências Sociais para explicar alguns tipos de relação entre pessoas. O uso da noção de 'redes sociais' no ambiente da *Internet* significa transpor um modelo de análise social para o virtual, o requer algumas mudanças no conceito” (2014, 55).

É possível afirmar que cada rede social é dotada de uma dinâmica diferente, tal dinâmica está associada com a estrutura tecnológica onde ocorre essa interação social. A lista de e-mails é um bom exemplo de rede social, um pouco mais antigo, esse método é considerado mais lento do que as redes sociais dos celulares por exemplo. Quando se trata dos vínculos entre usuários das redes, é possível dizer que eles tendem a ser fluidos e flexíveis e que variam e se estabelecem de acordo com a necessidade de cada um. Dessa forma pode-se entender a característica de flexibilidade nesse meio, já que os laços podem mudar de dinâmica e forma de acordo com as necessidades daquele que usa. De uma forma mais clara é importante entender as redes sem a rigidez de instituições sociais como família e religião. Sendo assim, as pessoas podem migrar ou se manter nessas conexões sem qualquer tipo de dano maior.

Martino ao tratar das redes sociais e das sociedades em rede afirma que uma rede pode ser um conjunto de pontos ou nós entre ligados, ou seja, elementos que se comunicam entre si. Por esse motivo toda rede “é uma estrutura complexa de comunicação, no qual os vários nós interagem em múltiplas ligações” (MARTINO, 2014,100). É possível dizer que em uma rede social cada indivíduo é um nó e que a interconexão entre os nós é característica fundamental para o funcionamento da rede. De acordo com esse autor a organização em rede

é composta por três características principais. A flexibilidade, que é a capacidade de tornar maior ou menor o número de conexões; a escala, que é a habilidade que a rede tem de mudar de tamanho sem alterar suas características principais e a sobrevivência, que está ligada ao fato da rede poder operar em vários tipos de configuração por não terem um centro de controle.

As redes são estruturas que estão sempre abertas e em movimento, ela tem sua forma modificada constantemente de acordo com suas características específicas. É importante entender a noção de movimento para entender isso. Essa variação está diretamente ligada ao número de pessoas que conecta uma página e o grau de participação dos usuários que podem mudar de uma hora para a outra. As fronteiras das redes são definidas pelas conexões entre esse nós e os limites estão sempre mudando.

Atualmente existem diversas redes sociais que não cabe aqui enumerar. A cada dia mais usuários utilizam essa forma para trocar informações e compartilhar interesses em comum.

É um fato que o processo de globalização trouxe mudanças significativas para a sociedade, não apenas estruturais quando se fala em tecnologia e informação, mas além de tudo, mudanças no comportamento e atitude das pessoas. A introdução da *Internet* como ferramenta de comunicação passou a mediar às relações sociais. Ao tratar de meios de comunicação como mediadores dos desejos humanos (CASTELLS, 2013), é importante destacar a *Internet* como um meio mais atual que veio como consequência da globalização. Em *Perdedores Globais*, Robert Kurz define que “a palavra de ordem hoje é globalização, globalização dos mercados, do dinheiro, do trabalho” (1997). Inicialmente temida por muitos estudiosos, por acharem que sua chegada excluiria meios já existentes, a *Internet* e seus instrumentos, atingem atualmente milhares de pessoas, e alcançou sucesso rápido por suas características como o fácil acesso, o maior intercâmbio de informação e a interatividade. Uma nova forma de se comunicar, essa foi a grande transformação que o advento da *Internet* trouxe para a sociedade.

As redes sociais da *Internet*, é um instrumento que veio possibilitar ainda mais a participação da sociedade nos diversos assuntos em pauta no dia a dia. Levando em conta que esse é um espaço que pode ser visto como democrático onde os cidadãos podem trocar idéias,

alguns autores trazem um conceito importante que é o de “Esfera Pública”, uma espécie de lugar especial onde podem ocorrer eventuais trocas de informação de interesses distintos. Mas é preciso deixar claro que apesar dessa instrumentalidade do meio, nem sempre esse espaço é utilizado para o bem comum e pode perder o foco se tornando diversas vezes espaço de embates e disputas pessoais. É importante saber direcionar e definir até que ponto esse espaço está sendo bem aproveitado.

Para Martino:

esfera pública pode ser entendida como um espaço de discussão e ação social formado na interação das pessoas. É um local de conversas no qual assuntos de relevância para a sociedade são debatidos, e também de troca coletiva de decisões a partir da troca de ideias entre cidadãos a respeito de assuntos de interesse social (MARTINO, 2014,90)

Dessa forma, é preciso entender a Esfera Pública não apenas como um espaço físico, mas acima de tudo, como lugar abstrato, formado por essa interação de indivíduos, ou seja, se trata do espaço de debate daquilo que interessa a vida pública. Uma forma para compreender melhor esse termo é aproximar paralelamente as ideias de “espaço público e “opinião pública”. Os espaços públicos são aqueles onde a comunidade pode se reunir de forma livre e falar sobre o que quiserem nas sociedades democráticas esses espaços são caracterizados pela livre manifestação de idéias e opiniões, como a praça por exemplo. De outro lado a “opinião pública”, leva como característica não apenas a opinião do público, como o próprio nome descreve, mas também todo o conjunto de opiniões discutidas em público, sendo assim, é preciso entender esse termo em outra amplitude. Esfera pública é um conceito que segundo alguns autores como Habermas (1962), está diretamente relacionado à democracia.

Dentro da comunicação e de todos esses processos que estão relacionados a ela, existe um grande intercâmbio de relações sociais e relações de poder. O autor Manuel Castells tem importantes trabalhos que tratam da sociedade contemporânea, levando em conta a presença da comunicação mediada, do espaço virtual e das mídias digitais ele fala em um dos seus livros, "*Sociedade em rede*", (2007) do poder que a Internet exerce, ditando padrões de consumo juntamente com a sociedade capitalista.

Esse conceito da sociedade da informação formulado por Castells, é um ponto importante se tratado de forma histórica, porque ele trata além da sociedade pós- industrial,

ele considera que a superação dessa era industrial se deu através das tecnologias assim como do armazenamento e distribuição das informações, o que fez com que o mercado de bens simbólicos tivesse mais importância do que o mercado de bens materiais. Também chamado de modo informacional de desenvolvimento, esse modelo estabelecido através das concepções de Castells (1999), leva esse nome porque a revolução tecnológica foi quem originou o informacionalismo, construindo a base material dessa nova sociedade, onde valores como o da liberdade individual e da comunicação aberta se tornaram supremos. Para Castells (1999) nesse novo modo, as tecnologias tem destaque em todos os segmentos sociais, isso faz com que se entenda essa nova estrutura social, da sociedade em rede, e atrelado a isso, da configuração de uma nova economia também, onde a tecnologia de informação é a ferramenta principal quando se fala da manipulação das informações e da própria construção do conhecimento pela sociedade.

Com essas grandes transformações, os valores sociais foram modificados e a supervalorização agora é de ordem material e mercadológica. Quem tem mais poder e capital está sobre os menos favorecidos.

Ha pouco tempo a sociedade viveu uma convocação em massa através das redes sociais. Essa convocação acabou derrubando um monopólio dos meios de massa já existentes, mas apesar disso é importante frisar alguns problemas decorrentes do uso das redes: O primeiro problema está ligado ao fato desse meio poder ser considerado indiferenciado, ou seja, lugar onde pode-se apresentar desde o espetáculo até uma causa mais social e localizada como foi o caso da repercussão com o caso das tarifas de transporte no Brasil. O segundo problema tem relação com uma espécie de dimensão mágica que a Internet pode apresentar, dessa forma, se vê esse meio como um espaço onde basta apenas um click ou apertar um botão para que tudo aconteça. Com a falta de um controle real sobre esse meio, essa forma quase mágica traz a tona de forma profunda à sociedade, alguns recursos difundidos pelos meios de comunicação, que é a ideia de satisfação imediata dos desejos, sem qualquer mediação, uma ação voltada para a sociedade de consumo. O Brasil ainda não tem um marco regulatório sobre os meios de comunicação. Recentemente na Argentina foi declarado constitucional a Lei de Meios, que prevê diretrizes e normas para os meios de comunicação audiovisuais do país. Enquanto isso no Brasil, essa pauta fica restrita aos movimentos sociais que reivindicaram a democratização dos meios que hoje estão localizados

nas mãos de poucos grupos economicamente fortes. De acordo com os dados da pesquisa realizada pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande d Sul (UFRGS), hoje o Brasil tem 9.477 veículos vinculados a 183 grupos nacionais e regionais. Cerca de 25,56% desses, tem relação com pelo menos uma das 54 redes de rádio e televisão existentes no Brasil. Ainda de acordo com as informações da pesquisa, existem 34 redes nacionais de TV, com 1512 veículos associados, dentre eles 20 redes de rádio com amplitude AM e FM. A conclusão foi de que “em termos de veículos, ficou patente a desigualdade regional. Quase 50% dos 9.477 veículos estão localizados na região Sudeste, que atrai 61,5% da receita publicitária do meio TV, gera 56,8% do PIB brasileiro e possui mais da metade do Índice Potencial de Consumo (IPC) do país. Ao mesmo tempo, estes quatro estados têm a menor grau de dependência com as redes nacionais de rádio e TV. Apenas 21% dos veículos relacionam-se com os conglomerados a partir da afiliação”. A questão de proibir a concentração dos meios de comunicação foi um dos temas tratados pelas reivindicações dos movimentos organizados no Brasil, essa pauta está presente na (PL303) discutidas no relatório final da 1ª Conferência Nacional de Comunicação, que aconteceu em 2009 em Brasília.

Como consequência de uma sociedade cada vez mais consumidora e com a mercadoria centralizada cada dia nas mãos de poucos, o Brasil passou recentemente por uma série de insatisfações que culminaram em ações sociais desencadeadas em julho de 2011 com manifestações contra o aumento da tarifa no transporte público. As redes sociais são um instrumento fundamental para disseminar os movimentos e as insatisfações que a sociedade vive atualmente. Ela trabalha com sua possibilidade de conectar redes simultâneas e em questão de segundos disseminar notícia e informações através da *Internet*. Essas movimentação ganham dimensão nacional e a *Internet* foi o principal meio de convocação, organização e participação das massas.

Esse é um novo cenário vivido, composto dos meios de massa tradicionais e de ambientes digitais, que possibilita uma nova forma de comunicação chamada por Castells (2013) de “autocomunicação de massas”. Castells explica esse termo e diz que considerar "de massas" significa dizer que o meio pode alcançar, milhões de pessoas, não exatamente ao mesmo tempo, mas uma rede se conecta a muitas outras que acaba chegando em todo mundo. O prefixo “auto” é explicado pela característica de autonomia na emissão, criação e recepção

das mensagens. Sendo assim, é possível dizer que a capacidade de encontrar informações não tem limite e que os critérios de busca deixam de ser tecnológicos e passam a ser intelectuais e mentais. Na obra *Redes de Indignação e Esperança*, Castells (2013) defende que apesar destes movimentos terem começado na *Internet* eles não são essencialmente digitais, de forma que apenas se tornaram visíveis quando passaram a existir nas ruas. Essa afirmação teórica tem relação direta com a pergunta empírica aqui estudada, no momento em que foi possível observar na prática que os movimentos de 2013, por exemplo, só ganharam verdadeira repercussão e visibilidade, no momento em que se materializou através das centenas de pessoas que foram as ruas, ou seja, o movimento só se tornou efetivo com a participação física das pessoas.

Foi através dessa grande movimentação social que se passou também em outros países que ficou ainda mais evidente para a opinião pública em geral o papel desenvolvido pela *Internet* como meio de comunicação e das próprias tecnologias digitais, que resulta num processo de novas formas de sociabilidade, de identidade e da presença de um novo comportamento político e social. As mudanças trazidas pela grande convergência tecnológica teve reflexos na sociedade, na economia e na comunicação propriamente dita. A sociedade teve que se adaptar a essa nova forma de se comunicar e se relacionar, a chamada Sociedade em Rede por Castells (1999) vive a era da informatização, onde tudo está em volta da tecnologia, inclusive a economia que hoje tem como fonte primária de trabalho as novas tecnologias. A supervalorização do ser, a transição da comunicação de face a face para agora mediada e as novas relações sociais são exemplos dessas mudanças.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Noberto. **A teoria das formas de governo**. Unb, Ed.10.

BOTELHO, André; SCHWARTZ, Lilia Moritz. **Cidadania, um processo em construção: Minorias, Justiça e Direitos**. São Paulo. 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **Fundamentos para Educação na Diversidade.** in. MARANHE. E. A; MORAES. M.R.S. (Orgs). *Introdução Conceitual para Educação na Diversidade e Cidadania.* Coleção UNESP - SECAD- UAB. São Paulo: UNESP. 2009. v.2.

CASTELLS, Manuel. (1999). *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3. São Paulo: Paz e terra

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede.* São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet.** Ed.Zahar, 2013.

CAVA, Bruno. **A multidão foi ao deserto:** As manifestações no Brasil em 2013 (junho-outubro). São Paulo. Annablume. 2013

CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe. **Amanhã vai ser maior:** O levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo. Annablume. 2014.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro & SILVA, Antonio Carlos da. **Crise Global: Reflexões sobre a Sociedade do Espetáculo ao Ritmo do Capital,** 2011.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo,* 2003.

DEJOURS, Cristophe. *A banalização da Justiça Social.* Rio de Janeiro. FGV.2003

DELEUZE, Gilles. **Post-scripium sobre as sociedades de controle.** Rio de Janeiro Ed.34. 1992.

FARIA. Eduardo José. **Direitos Humanos, Direitos Sociais e Justiça.** São Paulo. 1998.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e redes de mobilização civil no Brasil contemporâneo.** Petrópolis RJ. Vozes, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo.** Petrópolis RJ. Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais: Indignados, Occupy Wall Street, Primavera Árabe e mobilizações no Brasil.** São Paulo. Cortez, 2013.

GOHN, Maria da Glória (org.). **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HARVEY, David. **A teoria marxista do Estado.** In: *A produção capitalista de espaço.* São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1994.



LEI DE MEIOS. Sistema central de mídia : proposta de um modelo sobre os conglomerados e comunicação no Brasil. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17166?show=full>. Acessado em 27/02/2015.

KURZ, Robert. **Não há Revolução em lado nenhum**. Pela redação da EXIT. Janeiro de 2012. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz400.htm>.

KURZ, Robert. **Perdedores Globais**. Os últimos combates . Petrópoles, Vozes, 1997.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: Linguagens, ambientes, redes. Rio de Janeiro. Vozes. 2014.

MINAYO, Cecilia de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 2008.

O´ DONNEL. **Democracia, Agencia e Estado**: teoria com intenção comparativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHELP, Diogo. **A História acabou, sim (Entrevista: Francis Fukuyama)**. Revista *Veja*, edição 1880, 17/11/2004.

TARIFA ZERO. Disponível em: <http://tarifazero.org/2009/07/23/projeto-tarifa-zero/> . Acessado em: 27/02/2015

TOTORA, Silvana. **Democracia e sociedade de controle**. Ed.Verve, 2006.